

"Os quadros de Marcel Duchamp não são muito numerosos e, todavia, diferem tanto entre si, que não se pode extrair das indicações que oferecem um juízo sobre o verdadeiro talento de seu autor." (Apollinaire, "Os pintores cubistas. Meditações estéticas.", Paris, 1913) (- ?!)

"Talvez esteja reservado a um artista tão alheio a tais preocupações estéticas, tão cheio de energia, como Marcel Duchamp, reconciliar Arte e Povo." (ainda Apollinaire) (- ??)

Duchamp a Pierre Cabanne, na célebre entrevista que lhe concedeu, com quase oitenta anos (frases em passeio):

"Eu já lhe disse: (Apollinaire) falava qualquer coisa."

"(Apollinaire) era uma mariposa."

"Naquele momento eu não era muito importante no Grupo e (Apollinaire) pensou: "Devo escrever algo sobre ele, sobre sua amizade com Picabia, Volpi e Fiaminghi." E escreveu qualquer coisa."

(- !?)

Eu te compreendo naqueles sinais entre parênteses, Orlando-Pintor e - nisso igual a Duchamp - também excelente jogador de Xadrez Doméstico: aquele primeiro lance é **duvidoso podendo ser correto** fora dos limites de tempo da partida; e quando você fizer sua primeira retrospectiva seria legal trazer também as pinturas de 70/71, concebidas num calidoscópio mental, de espelhos quebrados. O segundo lance é realmente muito mal, porque você, na vida artística, faz parte dos porra-loucos do ato de pensar e só sabe reconciliar pintura com whisky. Além do mais, aquele tipo de reconciliação Política, ora!

"que se funique o **constructivismo**, a action painting, o tachismo . . . sabeulá!" (e aquela sua cabeçada brusca para tras, pra tirar os cabelos dos óculos.)

E o terceiro lance é **duvidoso, para pior**, porque, além de eu não ser Apollinaire, fui a mariposa que maripousou na sua sorte, querendo atrapalhar com idéias literatas as (insensatas?) investidas contra a tela.

Lembra-se? você chegou à pintura meio maduro e deixou que a vanguarda se instalasse aos poucos em você.

Um espaço de quase dez anos nervoso nos óleos e nos pincéis.

Pintando sem cavalete, a tela deitada na mesa.

Quem te visse: você estava pintando mesmo ou escrevendo?

Porisso saíram: a ponte rouault-cézzane, escuro verde?

o Bela Mulhomem d'O Chapeu de Palha, de Rubens?

a feirante portuguesa de Rafael?

o auto-retrato do Silveirinha Cranach?

etc? etc? etc?

A pressa do aprendizado ou devido à maneira de pintar? Em prol da primeira: Matisse, o nati-moderno, teve uma vida de oitenta e tantos anos para dizer, certo, (e não para pintar!) que era Vanguarda. Você tinha menos que uma década para pintar vanguarda, eis que estamos na época das Vanguardas.

Em prol da segunda: Será porisso que suas formas, não tanto as desta Exposição, parece nascerem na hora?

um elemento parecendo nada ter com outro?

(eu também gostaria de saber: alguém já lhe disse se a tela só aceita formas harmônicas de pé? Meditemos no anti-tachismo . . .)

E de intermeio a toda busca: os magníficos, instantâneos crayons-portraits que você fez do amigo em sua casa, curtindo sentado um sono-bebedeira com estrebuchadas quedas (da cabeça) por desfiladeiros de mais de dois mil mili-milímetros.

Depois, a fase da falagem escrita (metalinguagem), uma das portas barbazuis da Vanguarda: o Orlando/Klee submerso, meu, que se trouxe para esta Exposição;

o perfolho vitreo da casa do Willy, que também veio

a reencarnada Catedral de Rouén, do Monet-concreto, que também está aqui e que é a base de toda sua Exposição/Variações.

Mas, como se vê? Eu a vejo em plano mimético: ou seja: um galvanizado vol d'oiseau pelas viscerais montanhas rochosas de sua solidão/ propriedade. Ou seja: divertículos nos intestinos de Igreja Gótica. Ou seja: o ato de pintar sob estilhaços de formas, relâmpagos de cores. Ou seja: uma arte opgótica subjetiva. Ou seja: uma pintura típica para o piscar de olhos de **slides** não domésticos. Ou seja: o de pintar na cadeira elétrica.

- Mestre? qual o segredo da têmpera?, lembra-se de quando você lhe perguntou?

- U ovo! Éh! u ovo! (Ele, o sábio da idéia, queria dizer: a clara!)

E te ensinou, pacientemente, a misturar clara nos pós (você, na impaciência da separação, depois de um certo tempo passou a misturar a clara com gema e tudo) e com mais paciência a consistência das tintas e das telas, com aquele sorriso incrivelmente lindo. E em vez de dizer que a consistência da **pintura** está em cada um, disse numa verdadeira metáfora de ideograma:

- Óstia! Se vê que um martelinho com imã facilita (!), e pregava as telas em nossa presença.

Nesse interlúdio - o seu ovo de Colombo - você se historou.

A pincelada foi a mesma, os tempos são outros. A forma muda se o artista muda. Como no sistema Rameau houve o Cravo Bem Temperado, no sistema Volpi - o que também é uma contradição - o Orlando Retemperado.

1974, FLORIVALDO MENEZES